

11267 - Sistemas agroflorestais: Potencializando iniciativas produtivas e sustentáveis no Semi-árido cearense

FRANCO, Silveira. Franco. ¹; VASCONCELOS, José Maria Gomes ²

¹ Docente, CCA/UFSCar , fernandosf@ufscar.br ; ²Pós-graduando, PPGADR/UFSCar.

Resumo: O bioma caatinga vem sofrendo os efeitos da degradação ambiental, surgindo novo jeito de fazer agricultura, a agrofloresta, com uma produção diversificada, de boa qualidade, melhorando das famílias. Iniciou-se em 2008 este projeto que teve como objetivo incrementar iniciativas Agroflorestais, formação de agricultores familiares para facilitar as dinâmicas organizativas e produtivas, além de favorecer o trabalho de gênero e geração em comunidades do semi-árido cearense. Conduzido através da realização de visitas de sensibilização, construção participativa de todas as etapas do projeto fundamentada no diagnóstico rápido participativo. Resultados como a implantação de 20 hectares de sistemas agroflorestais; Formação de 80 agricultores agroflorestais ; Diversificação da produção e alimentação das comunidades com a adição de fruteiras, tubérculos e hortaliças que não eram facilmente acessíveis aos agricultores; Aumento de cerca de 30% da participação direta das mulheres e jovens em todos os processos de capacitação e implantação das unidades produtivas; Enriquecimento e melhoria da vida do solo das unidades de agroflorestas pelo não uso do fogo e de agrotóxico.

Palavras-chave: Biodiversidade, caatinga, território.

Descrição da experiência

Historicamente, desde o Brasil colônia a agricultura praticada no Nordeste tem sido tipo itinerante ou migratória, marcada fortemente pela prática dos agricultores que desmatam, queimam e plantam por no máximo dois anos na mesma área, o que tem sido extremamente prejudicial para a região, causando perdas consideráveis na biodiversidade animal e vegetal, e afetando diretamente a capacidade produtiva do solo. Estas práticas em uso não são sustentáveis do ponto de vista ecológico e seus impactos e conseqüências sócio-econômicas são extremamente prejudiciais ao processo de desenvolvimento local, geração de renda e segurança alimentar da população do semi-árido, (ARAÚJO FILHO & CARVALHO, 1997).

A cobertura vegetal do Semi-Árido é a caatinga, onde no período chuvoso ela fica verde e florida. Abriga uma das maiores diversidades brasileiras de insetos, inclusive a abelha, o que a torna muito favorável para a produção de mel. Entretanto, no período normal de estiagem, ela hiberna, fica seca, adquire uma aparência parda; daí o nome caatinga, expressão indígena que quer dizer “mata branca”. Quando a chuva retorna, acontece uma espécie de ressurreição: o que parecia morto ressuscita; o que estava seco volta a ser verde. Parece que a vida brota do nada. Na verdade, o Semi-Árido tem apenas duas estações: a das chuvas e a sem chuvas. A caatinga é um dos mais recentes biomas brasileiros com boa capacidade de regeneração, perfeitamente adaptada ao clima e aos solos locais. É um erro considerá-la como um bioma pobre em biodiversidade vegetal e

animal, uma espécie de deserto. Ela praticamente se confunde com toda a extensão do Semi-Árido, incluindo o conjunto de vidas – vegetal, animal e humana – que habita esse território, (MALVEZZI, 2007).

A introdução de práticas nem sempre adequadas à realidade da região (queimadas e desmatamentos), e o processo de ocupação de exploração de forma desordenada tem provocado sérias alterações no seu ecossistema natural promovendo desta maneira um avanço significativo de degradação ambiental deste bioma, tornando-a uma das regiões mais ameaçadas pelo uso intensivo de seus recursos naturais (SILVA, 2006).

Agrofloresta é um sistema de cultivo consorciado de frutíferas, madeiras, grãos, raízes, plantas medicinais e forrageiras que alia geração de empregos no campo, sustentabilidade econômica e ambiental. O sistema fornece colheitas desde o primeiro ano: culturas anuais e de ciclo curto produzem normalmente, até as madeiras e frutíferas entrarem em produção. As agroflorestas possibilitam renda adicional aos agricultores, aproveitando melhor a mão-de-obra familiar e reduzindo os riscos de entressafras e anos ruins, (ARMANDO, et Al., 2002).

Caracteriza-se por ser sistemas multi-estratificados, implantados e manejados com a tendência de imitar a natureza, porém cuja composição e manejo atendem os objetivos de segurança alimentar e nutricional e o aumento da renda familiar (DUBOIS, 2008). Este novo jeito de fazer agricultura, que é a agrofloresta, permite uma produção diversificada, de boa qualidade, que estimula a comercialização, melhora a renda e permite o envolvimento de toda família na realização de todo processo produtivo, com atividades para agricultores, agricultoras e juventude, provando assim que é possível fazer uma agricultura produtiva e de qualidade na caatinga, sendo, portanto, trabalhar com agricultura agroflorestal no semi-árido um caminho para melhoria da qualidade de vida das famílias que vivem nesta região, (SILVA, et Al., 2010).

O referido projeto teve como objetivo incrementar iniciativas Agroflorestais, formação de agricultores/as familiares para animar e facilitar as dinâmicas organizativas e produtivas, além de favorecer o trabalho de gênero e geração em comunidades rurais do semi-árido cearense



Foto- José Maria- Comunidade Penanduba em Frecheirinha,Ce.

Os trabalhos foram desenvolvidos em 20 comunidades rurais no Estado do Ceará, tendo iniciado no ano de 2010 distribuídos nos seguintes municípios: Sobral, Tianguá, Limoeiro do Norte, Itapipoca, Crato, Iguatú e Crateús, através da assessoria técnica coordenada pela Cáritas Brasileira Regional Ceará e apoiado e financiado pelo Banco do Nordeste, e que hoje já se encontra concluído e as comunidades produzindo coletivamente com ampliação de novas áreas na região.

A escolha e seleção do público beneficiado se deram observando alguns critérios considerados relevantes para implantação e sucesso do projeto, onde foi considerada a experiência das comunidades em estabelecer parcerias, o envolvimento dos agricultores familiares com práticas de ações de convivência com o semi-árido, a disponibilidade e sensibilidade das famílias para o desenvolvimento de práticas agroecológicas e trabalhos em mutirão e a capacidade de multiplicação da experiência na comunidade local e no seu entorno.

Todo esse trabalho teve sempre a prática e o exercício do processo participativo do monitoramento, avaliação e sistematização, onde foram realizadas, reuniões de sensibilização, visitas de acompanhamento e capacitações sobre sistemas Agroflorestais, visitas de intercâmbios, consolidada através do método de Diagnóstico Rápido Participativo (VERDEJO, 2006)

Resultados

O projeto permitiu a obtenção dos seguintes resultados: Implantação de 20 hectares de sistemas agroflorestais sendo um hectare por comunidade; Formação de cerca de 80 agricultores agroflorestais (jovens mulheres e agricultores familiares); Diversificação da produção e alimentação das comunidades beneficiadas – com a adição de fruteiras, tubérculos e hortaliças que não eram facilmente acessíveis aos agricultores (Laranja, limão, manga, abacate, coco, banana, goiaba, tangerina etc.); Aumento de cerca de 30% da participação direta das mulheres e jovens em todos os processos de capacitação e implantação das unidades produtivas dos sistemas de agroflorestação; Enriquecimento e melhoria da vida do solo das unidades de agroflorestas pelo não uso do fogo e de agrotóxico; Maior disponibilidade e diversidade de alimentos em quantidade e qualidade para as famílias, principalmente fora da época de produção, ou seja, durante escassez das chuvas; produção e publicação de vídeo com registro das práticas organizativas e produtivas das comunidades rurais. Ainda no aspecto dos resultados podemos perceber alguns entraves na implantação do projeto como a questão do acesso a terra e água como fatores limitantes, a falta de uma assistência técnica de forma permanente e qualificada nas comunidades para condução da prática de agricultura sustentável, bem como a garantia de um acompanhamento sistemático das comunidades pós implantação das unidades produtivas.

O Semi-Árido encontra-se entre as regiões brasileiras que mais requerem atenção do Governo Federal em razão de suas características naturais peculiares e seus fatores históricos que fragilizam sua economia. Em vista disso, acredita-se que políticas públicas voltadas para o estímulo do potencial econômico endógeno da região e do fortalecimento da estrutura social em territoriais compõem um caminho viável para a promoção do desenvolvimento econômico e social do Semi-Árido.

A implantação de unidades agroflorestais em vinte comunidades rurais do estado do Ceará favoreceu a melhoria da qualidade do solo, a implantação de práticas sustentáveis de convivência com o semi-árido, a diversidade de cultivos e de produção de alimentos e a melhoria da qualidade alimentar e nutricional das famílias assistidas, contribuindo ainda para o fortalecimento da organização nas comunidades.

Porém fica claro que ações de políticas públicas e técnicas apropriadas e de forma articulada com o conjunto das organizações públicas governamentais e não governamentais são imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável da região semi-árida e empoderamento das comunidades locais.

Agradecimentos

Todo esse trabalho só foi possível graças às equipes técnicas das Cáritas Diocesanas de Sobral, Itapipoca, Crateús, Tianguá, Limoeiro do Norte, Itapipoca, Crato, Iguatú e voto de confiança expresso pelo Banco do Nordeste que apostou na idéia financiando todas as etapas do projeto desde o programa de capacitação até as atividades produtivas e produção do vídeo Agroflorestação, e que sem o envolvimento, engajamento e disposição das comunidades rurais, através de suas associações comunitárias, jamais este trabalho seria possível, e que o compromisso de assumir das famílias foram determinante no sucesso do referido projeto.

Bibliografia Citada

ARAÚJO FILHO, J. A. de; CARVALHO, F. C. de. **Desenvolvimento sustentado da caatinga**. Sobral-CE. EMBRAPA-CNPC, 1997, 19 p. (EMBRAPA-CNPC. Circular Técnica, 13)

ARMANDO, M. S.; BUENO, Y. M.; ALVES, E. R. da S.; CAVALCANTE, C. H. **Agrofloresta para agricultura familiar**. Brasília, DF., 2002, 11p. Circular Técnica, 16.

DUBOIS, J. Classificação e breve caracterização de SAF's e práticas Agroflorestais. In: **Manual Agroflorestal para a Mata Atlântica**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria da Agricultura familiar, 2008. 17-62p

MALVEZZI, R., **Semi-árido - uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.140p.

SILVA, A. F. da; PIRES, A. B.; MORAIS, C. M. de;. AURELIANO, M. C.; OLIVEIRA, M. L. A. **Agricultura agroflorestal e criação animal no semi-árido**. Centro de desenvolvimento Agroecológico Sabiá: Recife: Centro Sabiá, 2010.54 p.

SILVA, R. M. A. da. Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. 298 f. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006, p. 65.